

Epistemologias da formação: o pensamento emergente na docência em artes visuais no eixo Norte-Sul

Isabela Nascimento Frade (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)

Ana Maria Alvarenga (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)

Camila Aranha (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)

RESUMO — Epistemologias da formação: o pensamento emergente na docência em artes visuais no eixo Norte-Sul — Este artigo é parte de uma investigação sobre formação docente em Artes Visuais no Brasil, revelando nuances de um estudo publicado em 2008, resultado de associação acadêmica por extremos entre regiões, em eixo Norte-Sul do país. Observando seu polo setentrional, destacamos seus aspectos emergentes inserindo-os em suas qualidades locais. Situamo-nos na Região Norte, na Amazônia, vasto território que se desdobra ao longo dos cursos dos rios e dos igarapés, cercado pela presença da floresta tropical, onde também se revelam outras paisagens como as do cerrado amazônico. Refletimos com o fim de mergulhar nas águas onde afluem subjetividades que elucidam não somente um modo de viver, mas de pensar a própria arte e a educação. Desenvolvemos esse trabalho a partir de um método cartográfico de pesquisa que pudesse apreender experiências fluidas em suas geografias líquidas. Na elaboração de questões reunindo o eixo N-S, colocamos em foco a processualidade, o “coração da cartografia”: não apenas mapas, gráficos, tabelas ou outros registros cartográficos regulares, mas a extensividade do pensamento esteve como o nosso objeto de atenção primordial.

PALAVRAS-CHAVE

Experiências de Pesquisa. Artes Visuais. Formação Docente.

ABSTRACT — Epistemologies of formation: the emerging thought on visual arts teaching: the North-South axis — This article brings part of an investigation about formation of visual arts teachers in Brazil, revealing nuances of a study published in 2008, a result of an academic association between extremes regions, in the north / south axis of our country. Looking at its northern pole, we highlight its emergent aspects by inserting them into local qualities. Located in the North Region, in the Amazon, a vast territory that unfolds along the courses of the rivers and streams, surrounded by the presence of the rain forest, where other landscapes such as those of the amazon “cerrado” are also revealed. We reflected on this place in order to dive into the waters of subjectivities to elucidate not only a way of living but also of thinking about art and education. We developed this work based on a cartographic method of research that could capture fluid experiences in its liquid geographies. In drawing up questions on the North-South axis, we focus on process, the “heart of cartography”: not just maps, graphs, tables, or other regular cartographic records, but the extensiveness of thought was our primordial object of attention.

KEYWORDS

Research Experiences. Visual Arts. Teachers Formation.

Compondo cartografias líquidas

“É preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades... é necessário rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”.

Gilles Deleuze

Acompanhar processos é cartografar, é considerar a processualidade presente em todos os campos investigados, compreendendo os avanços e as paradas no objeto pesquisado e em nós mesmos, investigadores. A cartografia parte do reconhecimento de que estamos sempre em fluxo, continuamente em construção. Dessa forma, o acompanhamento do processo se dá por um estado de atenção permanente, exigindo do cartógrafo o cuidado em não isolar o objeto de estudo na busca por soluções, regras ou invariantes. É na multiplicidade de vozes, em agenciamentos coletivos, que a pesquisa vai se constituindo numa rede de forças, em modulações e movimentos permanentes (KASTRUP; PASSOS, 2014).

Em Deleuze (1992), a tarefa de analisar é lidar com o “desemaranhar de linhas”, entendida como uma cartografia implicada em microanálises. Os agenciamentos realizados no estado misto envolvem processos de subjetivação que figuram o campo do desmanchamento, com o fim de seguir mais longe com as linhas desfeitas, de apontar os devires da própria investigação. É acompanhar pelo meio, é entrar no processo em curso e se colocar no exato lugar onde crescem as “linhas de visibilidade e enunciação, força e subjetivação”, cabendo ao cartógrafo o esgarçamento das linhas compreendidas nos dispositivos, entendidos como “máquinas que fazem ver e falar”. (KASTRUP; BARROS, 2014, p. 78).

A definição de dispositivo que Agamben (2009) absorve, através de suas leituras de Foucault, passa pelo entendimento de um conjunto heterogêneo que abrange os “discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas”, ou seja, “o dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos” (p. 28), indicando movimento, mudança de posições e de funções. A composição de qualquer dispositivo é indicada pela via deleuziana como um conjunto de linhas de naturezas distintas operando campos de dizibilidade e regiões de visibilidade. Em tese,

o dispositivo pode ser definido como “uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 1990, s/n). Nessa perspectiva, o dispositivo seria composto por linhas que não o “delimitam”, mas que “seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a forquilha – está submetida a derivações” (DELEUZE, 1990, s/n).

Ainda segundo Deleuze (1990), as linhas que formam um dispositivo podem ser destrinchadas de maneiras diferentes – é preciso ver além das linhas de composição e perceber o que atravessam o dispositivo, pois formam entre si, e em si, linhas de fratura, fissura e sedimentação. A partir disto, podemos construir mapas, mergulhar em processos e “percorrer terras desconhecidas”, como enfatiza o autor, realizando dessa maneira o que Deleuze diz que Foucault chamou de *trabalho de terreno*.

Nosso processo de pesquisa pelo método cartográfico parte do levantamento de dados pelos discursos no campo da formação de professores na arte educação, nosso *trabalho de terreno*, e segue até a fase atual de análise de dados, buscando novos recursos de registro, arquivo e visibilização. Segundo Kastrup e Barros (2014), investigar processos exige a distinção entre processamento e processualidade. O primeiro está pautado na coleta e análise de informações. O segundo, na investigação de processos de produção de subjetividades, inscrita em uma prática de construção coletiva. Demanda persistência em constituir um laço produzido por sequencialidade criativa e por considerar o *continuum* de experiências arroladas por desejos, dúvidas e intelectões compartilhadas. Produz um caminho e um subsistir que desenha um traço no espaço vivido por muitas presenças. Uma densidade existencial que nos desafia.

Os dados inicialmente levantados, – em processamento –, suscitaram questões frente às informações coletadas. Onde se concentra a produção do pensamento sobre a formação docente em artes? Quem produz? Qual contexto histórico, político e social do período investigado? Quais os temas correlatos à formação docente em artes? Quais pensamentos emergem desses temas? Qual a predominância? A partir de quais temas? Qual o novo período? E, o mais significativo para nós: quais pesquisadores seguimos? A formulação de questões reunindo novos campos em

transversalizações nos coloca no que Krastrup e Barros (2014) chamam de processualidade, considerada pelas autoras como o estar no “coração da cartografia”.

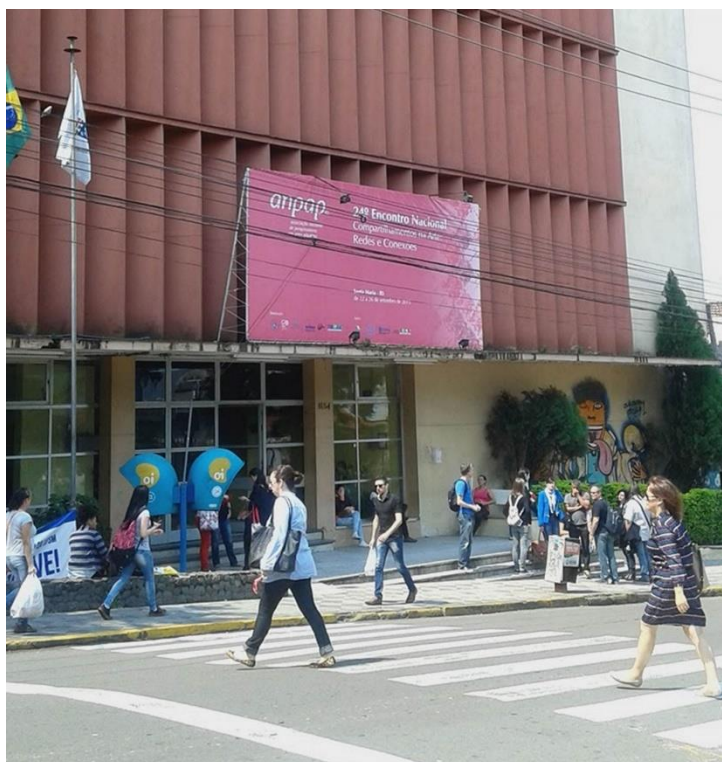
Pautado no método cartográfico de pesquisa, o Observatório de Comunicação Estética – OCE/UERJ/CNPq – constrói seu campo de ação na produção coletiva de dados enredados em contradições, conclusões, inconclusões, conflitos e problemas referendados pelo interesse e pela proposição dos seus pesquisadores em observação ao campo comum das linhas concorrentes. Dessa forma, como coletivo de pesquisadores do OCE seguimos na captação dos movimentos constitutivos das nossas próprias produções, inaugurando novas intervenções no campo de pesquisa. A abertura, em 2011, do trabalho de levantamento sobre formação docente em artes visuais, a partir das publicações de artigos em periódicos no período de 2000 a 2010, fez emergir um campo de subjetivações que apontariam novas linhas de continuidade. Nascida de uma primeira análise quantitativa, a produção dos dados inscrita na processualidade da pesquisa expande o campo em mergulhos de intensidades, lançando o coletivo à formulação de novas questões. “A produção dos dados é processual [...] se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo”. (KASTRUP; BARROS, 2014, p. 74).

Do entrecruzamento dos periódicos com os currículos dos autores que abordam a formação docente em artes visuais nascem os primeiros indicativos que lançam a pesquisa ao acompanhamento de seus processos. “O método cartográfico vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios” (KASTRUP; BARROS, 2014, p. 77). Questões relativas aos temas correlatos à formação docente em artes visuais abrem linhas de continuidade, suspeitando territorialidades do pensamento na abrangência desse pensamento pelo território brasileiro e pelas políticas públicas envolvidas na formação em questão.

Por recentes vias selecionadas, que permitiram a redefinição do campo de pesquisa, o exercício cartográfico visibilizou a origem do pensamento sobre a formação docente em artes e o seu alastramento por todo o território brasileiro. Partindo do Sul, em percurso longitudinal, o pensamento chega ao extremo Norte, numa correspondência Norte-Sul, que protagoniza conexões e ações formadoras em ambivalência. Se o pensamento da formação vem do Sul, como afirmamos em 2012

(FRADE; ALVARENGA, 2015). Hoje vemos sua expansão e derivação com a extensão deste eixo vertical, em que o estado de Roraima se estabelece como ponto significativo em nossa cartografia. E que exige, portanto, um pensamento sobre a condição que reúne, como veremos a seguir, pontos geográficos extremos. Promovendo, neste fio de experiências do cartografar, o advento da Amazônia como estância em nossas vivências de investigação. Nasce aqui, neste trabalho, a Amazônia como território de reflexão.

Figura 1 – 24º Encontro Nacional da ANPAP. Santa Maria, RS, 2015



Fonte: <www.facebook.com/anpap2015.2016/photos>.

O tema do 24º Encontro da ANPAP foi “Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões”. A liderança da UFSM advém de sua excelência no campo das artes visuais, com destaque ao setor de Ensino da Arte.

Figuras 2 e 3 – 24º Encontro Nacional da ANPAP. Santa Maria, RS, 2015



Fonte: <facebook.com/anpap2015.2016/photos_stream>.

Nas figuras: Simpósios para o Ensino das Artes Visuais: 2 – Formação de professores de artes visuais: mediações, tecnologias e políticas. Proponentes: Maria Cristina Fonseca (UDESC), Consuelo Schlichta (UFPR) e Gerda Foerste (UFES). 3 – Compartilhamentos no ensino da arte: conexões interativas com a realidade cotidiana. Proponentes: Analice Dutra Pillar (UFRGS), Moema Lúcia Martins Rebouças (UFES) e Sandra Regina Ramalho e Oliveira (UDESC).

Geografia das águas

Figura 4 – Rio Branco/RR



Fonte: Arquivo da Pesquisa.

A Amazônia é composta por uma paisagem que têm em comum o rio e a floresta tropical, compondo assim uma “geografia das águas” – termo utilizado por

Pizarro (2012) para designar o território que se desdobra pelos cursos dos rios, igarapés, manguezais e lagos. Pensar na arte no contexto amazônico é refletir sobre esse lugar com o fim de mergulhar nas águas que afluem as subjetividades que elucidam não somente um modo de viver, mas também uma poética do imaginário (PAES LOUREIRO, 2013) pela qual a própria arte e a educação podem ser discutidas.

A paisagem fluvio-florestal amazônica, composta de rio, floresta e devaneio, é percebida pelo homem como dupla realidade: imediata e mediata. A imediata, de função material, lógica, objetiva. A mediata, de função mágica, encantatória, estética. A superposição dessas duas realidades se dá à semelhança do que acontece com o vitral atravessado pela luz: ora o olhar se fixa nas cores e formas; ora na própria luz que o atravessa; ora simultaneamente nas duas (PAES LOUREIRO, 2013, p. 140).

De imediato, ao tratar da região amazônica, podemos elencar uma série de aspectos que constituem essa geografia das águas. Nela encontramos diversos sujeitos que fazem parte do que o escritor e poeta paraense, Paes Loureiro (2013, p. 140), chamou de “sociedade amazônica”, já que “é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética”.

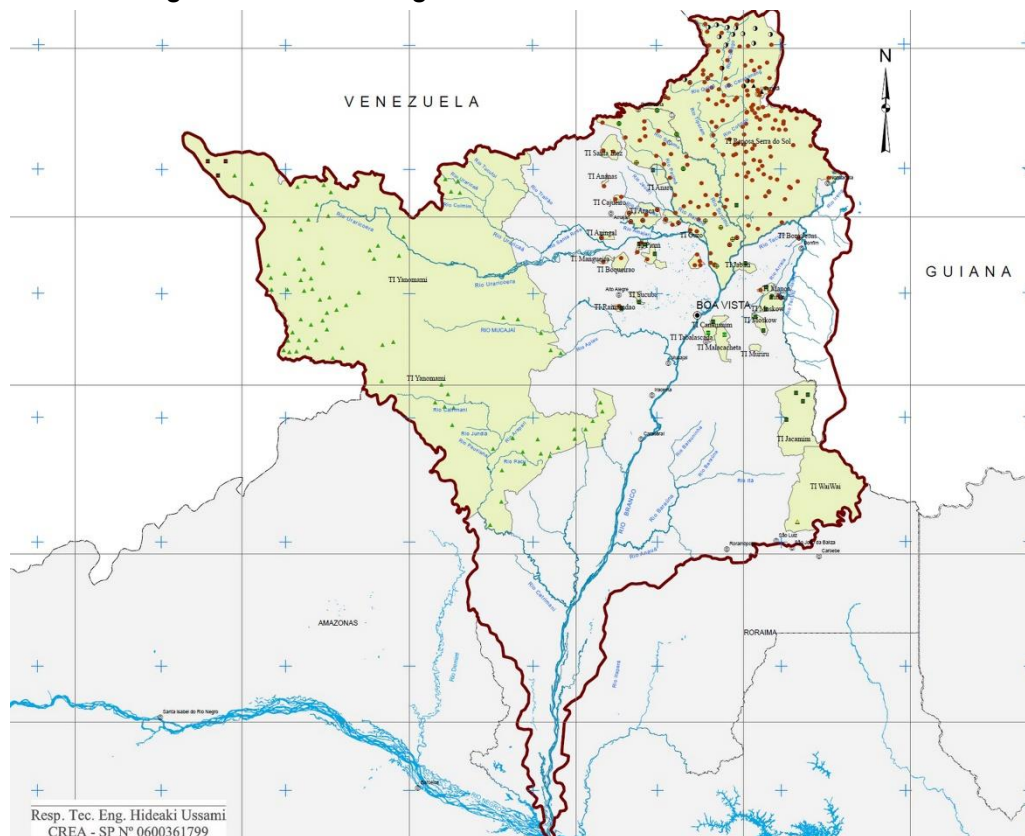
Ao nos debruçarmos sobre essa região tão particular do Brasil e do mundo, vamos descobrindo que esse homem, da qual nos fala Paes Loureiro, é aquele que foi categoricamente marcado como índio, o outro de natureza selvagem e de uma cosmologia ameríndia (VIVEIROS DE CASTRO, 2013), insensível pela estética ocidental, degenerado aos olhos do colonizador que buscava “descobrir ouro, catequizar os gentios, ocupar a terra, escravizar os nativos” (FAUSTO, 2000, p. 8) vistos por séculos como seres sem alma.

Também como lugar de fronteira, a Amazônia foi porta de entrada para os colonizadores, por onde percorreram as grandes expedições feitas ao longo dos leitos dos rios – período em que surgiram as primeiras demarcações sobre o espaço amazônico. Contemporaneamente, a sociedade amazônica se define pela justaposição de diversos povos e pelo hibridismo cultural, onde nos deparamos com indígenas, caboclos, mestiços, negros, caucasianos e imigrantes vindos de diversas partes do Brasil. Dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil, buscamos pensar as

cartografias fluidas, aqui definidas como reflexões acerca das experiências nesse lugar.

Da criação de Territórios Federais, para salvaguarda das fronteiras nacionais, surge o estado de Roraima, que se apresenta como um estado brasileiro pluriétnico, localizado na “linha de várias fronteiras – geopolítica, econômica e cultural” (CAMPOS, 2011, p. 5) no extremo Norte do Brasil. Da diversidade de seu contingente populacional, há aproximadamente 51 mil indígenas habitantes de 32 Terras Indígenas, dentre eles, os Yanomami; Ingariçó, Macuxi, Patamona, Taurepang, Waimiri-Atroari, Wai-Wai e Wapixana, cerca de 11% da população do estado (CAMPOS, 2011), que fica na fronteira entre o Brasil, Venezuela e Guiana.

Figura 5 – Terras indígenas e aldeias na bacia do rio Branco



Fonte: Estudos AAI - <http://telmadmonteiro.blogspot.com.br/2011/01/hidreletricas-na-bacia-hidrografica-do.html>

A partir do método cartográfico de pesquisa, como já mencionado, segue a busca por um levantamento conciso de periódicos sobre formação docente, “considerando o intervalo 2000-2010 a década inaugural do século XXI, marcado por

intensas mudanças no cenário político/ social, global/local e alterações no pensar, perceber e compreender a realidade” (FRADE; ALVARENGA, 2015, p. 296). Diante disto, mergulhamos na esfera da formação docente com o fim de mapear essas experiências em todo Brasil. Por meio deste processo, nos deparamos com a Amazônia como um lugar de experiências fluidas – percebendo quais pesquisadores contribuem para o foco de nossa pesquisa. É neste processo que encontramos o educador e pesquisador Vinícius Luge Oliveira, professor Assistente I da UFRR.

As pistas do método de cartografia dadas por Kastrup e Barros (2014), conforme revisado, indica que ao nos atentarmos aos processos, necessitamos compreender os contextos em que estamos inseridos enquanto educadores e pesquisadores para que, aplicando à formação docente, possamos questionar nossos métodos e as próprias políticas educacionais. É nesse sentido que Luge Oliveira (2014) levanta reflexões importantes e críticas sobre a arte e a educação na Amazônia, tendo como ponto de partida o programa Alfa e Beto, do instituto de mesmo nome e em parceria com o governo do estado de Roraima. Nesse sentido, o programa

[...] prescreve como fazer, o que fazer e quando fazer, tendo resultados homogêneos. Nessa homogeneidade **perde-se a riqueza local, as contribuições das culturas de diversas regiões do Brasil**, dos diversos povos indígenas, da proximidade e influência da Venezuela e Guiana Inglesa. Da diversidade dos artistas locais, muitos indígenas. Perde-se a possibilidade do estudo dos mitos e lendas que possibilitaram clássicos da literatura nacional como Macunaíma, de Mario de Andrade e Cobra Norato, de Raul Bopp (p. 10, grifo nosso).

No contexto amazônico, entendendo suas particularidades enquanto um investigador crítico da formação docente, Luge Oliveira (2014) nos abre reflexões acerca do que Paulo Freire denomina como a submissão do local frente ao global. “Acontece no caso em questão, que a proposta acaba por impedir a utilização de outras referências, inclusive as regionais, tão importantes para o reconhecimento de pertencimento” (2014, p. 6). É através da vinculação com seu ex-orientador, o já falecido professor gaúcho Ayrton Dutra, que prosseguimos nesta imersão. Relação que nos dedicamos a destrinchar a partir de seus percursos de formadores derivados: a partir desse vínculo, discutimos a cartografia enquanto poética da formação. Nos dispomos por sobre toda sua dimensão poético-existencial que se estende do extremo

Sul até o Norte setentrional, nexos que precisam ser espacialmente contextualizados e temporalmente dimensionados.

Entre Norte-Sul, elementos da pesquisa em formação

Ayrton Dutra, em 2008, produz duas obras significativas para a nossa pesquisa: os livros *Cartografias contemporâneas da arte-educação* (2008a) e *Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criador* (2008). Vamos coletando ocorrências significativas na sua trajetória, considerando o papel que esse pesquisador exerceu no campo da formação docente em artes visuais, nosso horizonte mais amplo de investigação. São livros que reúnem obras de seus orientandos, reflexos de suas pesquisas na pós-graduação. Na apresentação do primeiro, redigida pela professora Marilda Oliveira, é explicitada a orientação cartográfica como metodologia de pesquisa:

Figura 6 – Cajueiro na borda de um dos lagos no lavrado roraimense, RR



Fonte: Arquivo da Pesquisa.

Os desejos das múltiplas autorias que aqui escrevem convergem para um ponto: construir possibilidades de novos olhares, novas dobras, tensões e reflexões outras. Como cartógrafos-autores, desejamos que este livro suscite diálogos plenos de bifurcações, em que a ideia de um pensamento nômade seja uma constante (OLIVEIRA apud DUTRA, 2008, p. 13).

Essa coincidente identidade entre pesquisas nos leva a um prazeroso percurso pela obra de Dutra e de seus alunos, pois estavam explorando percursos cartográficos na intelecção de diferentes objetos enfeixados pelo método cartográfico. Produzir esse eco é um fator significativo, que nos coloca como parte dessa rede criada por Dutra e seus discípulos. O entusiasmo desse educador gaúcho nos chega pelo tom do seu trabalho, sempre dedicado a disseminar novos percursos no educar em arte. A consideração do contexto e das práticas contemporâneas eram primordiais em seus estudos: "Desta forma, é de suma importância refletir-se sobre o tipo de aluno que queremos, e sobre o significado da formação de professores uma vez que esse futuro docente deverá ser o elo básico entre a arte e educação contemporânea" (DUTRA; MATTÈ, 2002, p. 47).

O texto encontrado no levantamento sobre periódicos (2000-2010) foi publicado em parceria com seu ex-orientando, hoje pesquisador da UFRR, Vinícius Luge Oliveira. O referido texto, no entanto, refere-se a um trabalho feito na Universidade Federal de Santa Maria, por ocasião da pesquisa de Luge Oliveira como licenciando, revelando aspectos da própria instituição (UFSM) como se explicita em seu título: "Ensino de Artes Visuais na UFSM: de sua gênese à atualidade". Destacamos esse vínculo, ainda que, a princípio, possa parecer inexpressivo, a ponta de um enovelamento que indica uma filiação nesse emaranhado de relações, confluência resultante do que se produz nos processos de formação. A descoberta do pesquisador orientado por Dutra, agora como docente na UFRR, nos leva a identificar esses esgarçamentos que fazem da cartografia um processo não programável. Os trabalhos subsequentes de Luge Oliveira nos levam a perceber um educador que se compromete com seu contexto e com os aspectos práticos da formação de seus próprios estudantes, na coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do projeto PRODOCÊNCIA – "A Formação dos futuros professores: integrando e difundindo o conhecimento produzido nos cursos de licenciatura da UFRR", apresentando seu comprometimento enquanto formador, como se pode perceber claramente.

É após a entrevista com Luge Oliveira que soubemos ser a UFRR uma espécie de *campus avançado* da UFSM, uma vez que muitos de seus docentes são oriundos

desta. Fica explícita a extensão desta linha que corta o Brasil e liga seus extremos Norte e Sul. E, no que diz respeito à Licenciatura em Artes Visuais, isso ocorre, refletimos, pelo protagonismo da UFSM na pesquisa em educação e, principalmente, no que nos interessa neste caso, na formação de professores de arte. Outro dado interessante é que a UFSM possui a característica de formar seu próprio quadro e que segue, ainda, enviando a outros *campi* docentes engajados na pesquisa em formação. Assim, consideramos essa universidade a protagonista da declaração que fizemos em 2015: “o pensamento da formação vem do Sul” (FRADE; ALVARENGA, 2015). Ayrton Dutra foi, sem dúvida, um educador que exemplifica esse quadro, na medida em que reúne, na sua produção, entre orientação, docência e publicação, esse vínculo com a formação docente em artes visuais.

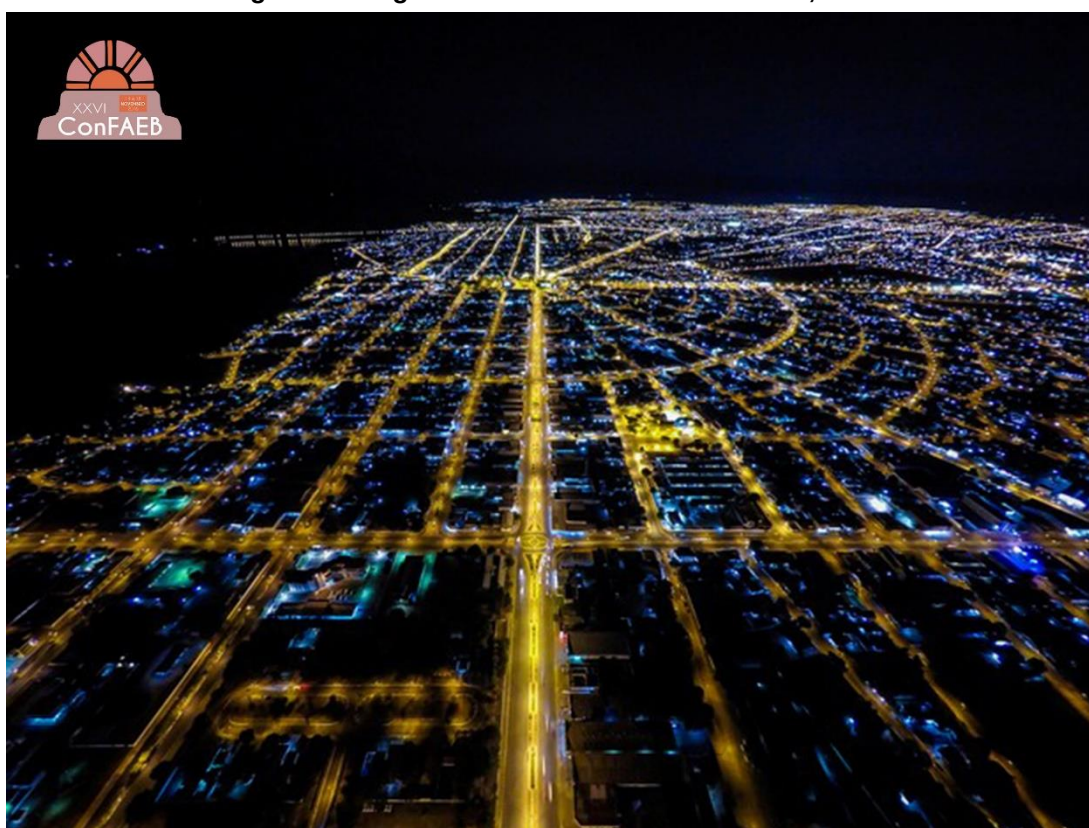
Não poderíamos deixar de lembrar uma outra personagem importante para nosso estudo e que trabalhou proximamente com Ayrton, a educadora gaúcha Ivone Mendes Richter. Pesquisadora marcante na formação de muitos arte-educadores que incorporaram suas discussões sobre interculturalidade, trabalhos que fomentaram um campo emergente dos estudos sobre inclusão social e cultural. Colega de Dutra na UFSM, Richter é uma educadora de personalidade viva, proporcionando um legado fecundo; uma obra marcante.

Ao final de sua carreira, Dutra se dedicava a constituir perfis de artistas sulistas em obra identificada como a escrita de “vida de artistas”, intrigado pelos processos constituídos nas biografias e nas obras, buscando nexos, reverberações, vínculos. A partir do método de Processos Criativos, de Cecília Almeida, o educador desenvolveu uma abordagem sobre a produção criadora desses artistas, na qual nos espelhamos “em paralaxe”, ao pensarmos nas poéticas existenciais dos educadores formadores do Sul. Tivemos a grata oportunidade de assistir sua última apresentação na Anpap (Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas), em Florianópolis, no ano de 2008, quando explicitou esse sentido de sua própria pesquisa e discutiu sobre alguns resultados parciais, pois a pesquisa estava em andamento, então sendo descortinada como caminho em continuidade. Consideramos que a tônica processual na abordagem de Ayrton consistiu-se em núcleo de seu modelo metodológico marcante e a pesquisa sobre formação docente o seu objeto maior.

Observamos que muitos são artistas que praticam seus próprios processos de criação no educar, ainda que, assim, não sejam considerados “artistas”. Isso não quer afirmar nenhum tipo de hierarquia entre artistas e não artistas, mas, simplesmente, é um dado observado entre os percursos docentes estudados. No caso de Vinícius Luge Oliveira, é a prática do desenho que o encaminha para o campo da arte-educação. Encontrou aqui, segundo ele, um espaço para atuação política, unindo arte e militância. E, não obstante, mesmo sendo esse o perfil geral do professor de artes, é sempre emocionante encontrar um artista que se empenha na educação pelo desejo de transformar o mundo.

O modelo cartográfico também se apresenta no Logo do XXVI Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil (CONFAEB) realizado em Boa Vista em 2016.

Figura 7 – Logo do XXVI CONFAEB. Boa Vista, 2016



Fonte: XXVI Confaeb (2016).

Conclusões: por epistemologias fluidas, uma vida e muitos caminhos

Enquanto cartógrafas, reafirmamos a não fixidez e a incompletude dos caminhos pretendidos, suspeitando as modulações e os movimentos intrínsecos ao processo investigado. É o esforço no sentido do desmanchamento de linhas emaranhadas, em latente estado de enunciação e subjetivação. Uma após a outra, as linhas vão sendo desveladas, inaugurando novas combinações e composições, tornando o campo incontrolável e imprevisível. Como um rizoma subterrâneo ou aéreo (o das samambaias, por exemplo), e cuja evolução é o efeito do que se passa entre a planta e o que ela vai encontrando no meio em que se desenvolve – claridade, umidade, obstáculos, vãos, desvios ... (ROLNIK, 2014, p. 61).

A cartografia imprime movimento e alternância de posições: deixa visível o que permanecia obscurecido e permite a fala do que, momentaneamente, estava emudecido. Nesse andamento, uma linha em primeiro plano pode recuar ao plano secundário, o centro se deslocar para a periferia e o que parecia estar dentro, volta-se para o lado de fora. O movimento do desejo, inerente ao ato de cartografar, segue compondo a paisagem vigente.

Dos fios enredados em múltiplas tramas, o pensamento do artista educador Ayrton Dutra se estende, uma voz esquecida em meio a tantas outras vozes apagadas da superfície pelo tempo que, como linhas de força, mobilizam, subterraneamente, vórtices de pensamentos. Nem mais nem menos importantes, os pensamentos em adição vão constituindo camadas e escrevendo a história do Ensino da Arte no Brasil, demarcando o campo do ensino e da formação docente. Ayrton Dutra, em particular, participa da inauguração do longo eixo Norte-Sul – UFRR/UFMS, pautado na articulação e na formulação de estudos sobre a formação docente em Artes ao ter seu outrora orientando, Luge Oliveira, como professor na UFRR. Talvez, possamos acrescentar aí, um breve elogio às políticas públicas destinadas à pesquisa, reafirmando o combate à desigualdade nos seus incentivos e à busca de criação de novos centros de produção acadêmica, fomentos que buscam equilibrar forças no território brasileiro. Nas regiões Sul e Sudeste está a maior concentração de cursos de pós-graduação e essa condição histórica de consolidação das pesquisas em arte-educação revela o que temos, ou seja, o protagonismo do Sul, como derivado deste

quadro de forças. E nos anima a participar do imperativo de ações políticas que estão ainda a serem praticadas, especialmente o gesto de fundar novos espaços de investigação. Nesse sentido, a ocorrência do Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil (XXVI CONFAEB) em Roraima, em 2016, se revelou como motivação justa, contribuindo de forma inequívoca para a sua consolidação. Estratégia política que também se apresenta como estímulo para a elaboração deste artigo.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó/SC: Argos, 2009.
- CAMPOS, Ciro (Org.). *Diversidade socioambiental de Roraima*: subsídios para debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento: ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. Disponível em <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>> Acessado em: Jul. 2017.
- DUTRA, Ayrton Corrêa (Org.). *Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.
- DUTRA, Ayrton Corrêa (Org.). *Cartografias contemporâneas de arte-educação*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008a.
- DUTRA, Ayrton Corrêa; MATTÊ, Simone Witt. Formação, o docente em Artes Visuais e sua relação com a Pesquisa e as Novas Tecnologias. *Revista Entreideias*, Salvador, n. 6, p. 47-63, 2002.
- DUTRA, Ayrton Corrêa; OLIVEIRA, Vinícius Luge. Ensino de Artes Visuais na UFSM: de sua gênese à atualidade. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 241-257, set. 2008.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FRADE; Isabela; ALVARENGA, Ana. Geopolítica da Formação: desenhando as Paisagens Informacionais dos Processos de Formação na Docência em Arte no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 24., 2015, Santa Maria/RS. *Anais...* Santa Maria, 2015. p. 2968-2980.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Silvia (Org.). *Pistas do método da cartografia*: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014a (v. 2).
- OLIVEIRA, Vinícius Luge. Programa Alfa e Beto: a submissão do "Local" no Ensino das Artes Visuais. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL; CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES, 24; 2., 2014, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: FAEB, 2014. p. 01-12.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. Códigos do imaginário amazônico. In: Maneschky, Orlando Franco. *Amazônia, lugar de experiência*. Belém: Ed. UFPA, 2013.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia*: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. 5 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Isabela Nascimento Frade

Licenciada em Artes pela PUCRio, mestre em Comunicação e Teoria da Cultura, doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). PROCIENTISTA FAPERJ. Professora Associada do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), integra a equipe do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGARTES/UERJ). Tem realizado trabalhos plásticos, desenvolvido pesquisas e orientado projetos relacionando arte, cultura, comunicação e educação, com foco sobre os seguintes temas: formação e gênero; esfera pública e mediação; poética relacional e ecologia, multilocalismo e trânsito cultural. É líder do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação Estética - CNPQ e editora da revista acadêmica internacional Diálogos em Mercosur.

E-mail: isabelafrade@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0576968930348730>

Ana Maria Alvarenga

Possui Licenciatura em Educação Artística/ Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, Especialização em Arte Educação pela Universidade Cândido Mendes/UCAM e Mestrado em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Professora regente de Artes Visuais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, tendo exercido a direção da Unidade de Extensão Núcleo de Arte/ SME, no período de 2000 a 2010. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Observatório de Comunicação Estética/ UERJ/ CNPq, desde 2012.

E-mail: ana.mariarte@hotmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4661156217726790>

Camila Aranha

Doutoranda em Memória Social pela UNIRIO. Mestre em Arte e Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. Bacharel e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Faz parte dos grupos de pesquisa: Observatório de Comunicação Estética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/CNPq; Acervos Fotográficos - UnB/CNPq; LAMPE- Laboratório Ambiente-Corporais em Atravessamentos e Experimentações: Imaginação, Amor, Arte e Política na Amazônia - UFPA/CNPq. Desenvolve estudos relacionados a fotografia, memória, arte e política. Também dedica-se à produção de vídeo e fotografia sobre a construção de grandes projetos na Amazônia, em especial sobre hidrelétricas e resistência indígena.

E-mail: cami.aranha@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8507320277051050>

*Recebido em 15 de julho de 2017
Aceito em 26 de novembro de 2017*